

Immanuel Wallerstein e o moderno sistema mundial *

José Jobson de Andrade Arruda
Departamento de História — FFLCH/USP

Immanuel Wallerstein é diretor do Centro Fernand Braudel para o Estudo de Economias, Sistemas Históricos e Civilizacionais (Binghamton, N.Y.) e editor da revista trimestral *Review*. Seu projeto mais amplo é a busca dos elementos determinantes do sistema mundial moderno. Para tanto, dividiu o seu trabalho em quatro partes principais, às quais considera as quatro épocas fundamentais apresentadas pelo dito sistema até hoje. O primeiro volume, objeto desta resenha crítica, cobre o período de 1450 a 1640, correspondendo ao estudo das origens e condições primitivas do sistema mundial até então exclusivamente um sistema europeu. O segundo volume, já publicado, ocupar-se-ia da consolidação do sistema entre 1640 e 1815. O terceiro volume, referente ao período de 1815 a 1917, estará centrado na recriação do sistema decorrente das vertiginosas transformações resultantes do dinamismo tecnológico e do avanço do industrialismo no século XIX. O quarto volume cuidará da consolidação da economia — mundo capitalista, a partir de 1917 até a

(*) — Referência: Wallerstein, I. *The modern world-system. Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the 16th. century*. New York, Academic Press, 1974, v. 1.

atualidade, e das tensões “revolucionárias” particulares que esta conso lidação tem provocado.

O primeiro volume desta obra geral, do qual ora nos ocupamos, foi publicado em 1974 pela Academic Press sob o título de *The Modern World-System — Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*, já contando com uma versão para o castelhano (1).

A obra contém ilustrações e uma seleta bibliografia, extremamente atualizada, abrangendo coleções, monografias e publicações periódicas em diversos idiomas.

Afora a introdução e a conclusão de caráter mais teórico, o volume está dividido em seis capítulos. No primeiro — Prelúdio Medieval —, o autor lança a premissa fundante de seu trabalho, ou seja, a de que no século XVI surgiu a economia-mundo européia, cujas dimensões são as dimensões de um império, mas continha uma diferença essencial, trata-se de um sistema social que a História não havia conhecido anteriormente. Era um sistema mundial não porque tivesse incluído a totalidade do mundo, mas porque era maior do que qualquer unidade política juridicamente definida. Tratava-se de uma economia-mundo, pelo fato de que o vínculo básico entre as partes do sistema era econômico (2). Este sistema assentava-se em duas instituições chaves: numa divisão mundial do trabalho e na existência, em certas áreas, de aparelhos burocráticos de Estado (3).

No segundo capítulo — A Nova Divisão do Trabalho —, o autor procura demonstrar que a emergente economia-mundo baseava-se em métodos capitalistas, pois pressupunha uma divisão do trabalho produtivo, que somente pode ser devidamente apreciada levando em consideração a economia-mundo em sua totalidade. A emergência de um setor industrial foi importante neste quadro, mas o que o tornou possível foi a transformação das formas feudais em formas capitalistas de produção agrícola. Nem todas estas formas capitalistas estavam ancoradas em trabalho livre, isto acontecia somente no centro da economia, porém, as motivações dos proprietários e dos trabalhadores no setor

(1) — *El Moderno Sistema Mundial. La Agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI*. Trad. esp. México, Siglo XXI Ed., 1979.

(2) — *The Modern World-System. Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York, Academic Press 1974, p. 15.

(3) — *The Modern World-System...*, p. 63.

não livre eram tão capitalistas quanto as do centro do sistema (4). Para Wallerstein existe uma diferença fundamental entre o feudalismo da Europa Medieval e os “feudalismos” da Europa Oriental e da América Espanhola do século XVI. Naquele o proprietário produziu primariamente para uma economia local e derivava seu poder da debilidade da autoridade central. Neste, o proprietário produziu para uma economia-mundo capitalista. Os limites econômicos de sua pressão exploradora eram determinados pela curva da oferta-demanda de um mercado. Mantinham-se no poder, mais pela força do que pela debilidade da autoridade central, ao menos por sua força diante do trabalhador agrícola. Ainda mais, para evitar qualquer tipo de confusão, o autor passaria a designar esta forma de “servidão” pelo nome de “trabalho obrigado em cultivos para o mercado” (coerced cash crop labor). Esta denominação, indica um sistema de controle do trabalho agrícola, no qual os camponeses requerem para trabalhar, ao menos em tempo parcial, um domínio de grandes dimensões, que produzia alguns produtos destinados à venda no mercado mundial (5).

No terceiro capítulo — A Monarquia Absoluta e o Estatismo —, o autor parte da premissa de que, não fora pela expansão comercial e a expansão da agricultura capitalista, dificilmente teria havido base econômica para financiar as ampliadas estruturas burocráticas do Estado (6). Nestes termos, na Europa Ocidental, a base agrícola cada vez mais diversificada, juntamente com a indústria nascente, fortaleceram a burguesia comercial até o ponto em que o Rei se viu obrigado a levá-la em consideração. Outro aspecto da questão era que a burguesia comercial poderia servir de suporte fiscal à monarquia, como contribuinte, prestamista e sócio comercial (7). No plano das relações sociais, as alianças políticas de classe no seio do Estado põem em evidência o fato de que o grupo dominante é constituído, primariamente, por pessoas cujos interesses estão ligados à venda de produtos primários no mercado mundial, ou por aquelas cujos interesses estão nos lucros comerciais-industriais (8). Apesar da enorme mobilidade ocupacional, a força da classe dos proprietários não foi desintegrada, se bem que em grande medida mudou de mãos a propriedade senhõrial. Foi o absolutismo do monarca, criador da estabilidade, que permitiu esta transferência ocupacional (9). No plano econômico, a intervenção do Estado introduziu fortes distorções e, portanto, a possibilidade de inovações, resultantes do poder coercitivo

(4) — *Idem*, p. 126.

(5) — *The Modern World-System...*, p. 91.

(6) — *Idem*, p. 133.

(7) — *Idem*, p. 149.

(8) — *The Modern World-System...*, p. 151.

(9) — *Idem*, p. 160.

do Estado, permiti-lhes adotar uma política personalista, ainda que pudesse encontrar forte oposição por parte da sociedade (10). Portanto, a atividade política nos quadros da economia-mundo se dava, primariamente, nos limites do Estado, que se estruturava de formas diferentes; encontrando-se mais centralizado no centro do sistema (11).

No capítulo quarto — De Sevilha a Amsterdam: o Fracasso do Império —, o autor analisa o fracasso da tentativa imperial de Carlos V, aproveitando a oportunidade para historicizar a tese do deslocamento dinâmico entre os Estados centrais, ou seja, a passagem de Estados centrais a semiperiféricos e vice-versa, fenômeno este que se reproduziria também nas áreas periféricas do sistema. O segredo do êxito das áreas centrais de uma economia-mundo é que trocam suas manufaturas pelas matérias-primas das áreas periféricas. Porém, este quadro simples deixa de lado dois aspectos: a capacidade político-econômica para manter baixos os preços das importações de matérias-primas e a habilidade para concorrer nos mercados dos países do centro com os produtos manufaturados de outros países do centro (12). Enquanto os holandeses podiam vender mais barato do que os ingleses na Inglaterra, os italianos tinham provavelmente preços demasiadamente altos. Quando a peste golpeou a Itália em 1630, diminuiu a pressão por alimentos mas elevou brutalmente os salários. O norte da Itália completou assim a transição do centro à periferia, mecanismo semelhante ao que se operava na Espanha pela mesma época (13).

No capítulo quinto — Os Estados Fortes do Centro: Formação de Classe e Comércio Internacional —, um dos mais longos e importantes do livro, é analisado o processo econômico, social e político dos Estados centrais, Inglaterra e França, nas quais se considera decisivo o papel da monarquia. Uma forma de vê-la é definir a luta política como uma tentativa das monarquias para erodir os privilégios de todos os grupos não estatais e, observar, que tiveram melhor êxito contra as cidades do que contra as classes de proprietários. Segundo este ponto de vista, as classes proprietárias procuravam usar o Estado como apoio para manter-se frente às rápidas correntes de expansão econômica. Nesta perspectiva, as frondas, ainda que vencidas, saíram ganhando, enquanto a aristocracia inglesa, ainda que tenha havido uma restauração, saiu perdendo. Nesta vacilação entre a burguesia e a aristocracia, as monarquias, tanto na Inglaterra como na França, foram acercando-se, progressiva-

(10) — *Idem*, p. 162.

(11) — *Idem*, p. 162.

(12) — *The Modern World-System...*, p. 219.

(13) — *Idem*, p. 221.

mente, das exigências da aristocracia. A diferença era que, na Inglaterra, os interesses da burguesia comercial estavam ligados a um centro poderoso, enquanto na França, de alguma forma, estavam ligados à periferia nacional. Como resultado disto, para manter sob controle uma burguesia mais alvoroçada, a monarquia francesa teve que se fortalecer e comprar o seu apoio, através da venda de cargos, o que afastou esta classe dos investimentos industriais. Na Inglaterra, a aristocracia, para sobreviver, teve que assumir a postura da burguesia e fundir-se parcialmente com ela. Na França, a pressão recaiu sobre a burguesia. Na Inglaterra, isto significou um passo adiante na causa da burguesia nacional; na França, supôs um passo atrás para a burguesia (14).

No capítulo sexto — A Periferia Frente à Arena Exterior —, o autor define a periferia de uma economia-mundo como aquele setor geográfico no qual a produção é, primariamente, de bens de baixa categoria, isto é, produtora de bens cuja mão-de-obra é mal remunerada, mas que é parte integrante do sistema global da divisão de trabalho, dado que as mercadorias produzidas são essenciais para seu uso diário. A arena exterior de uma economia-mundo é composta por aqueles outros sistemas com os quais uma dada economia-mundo mantém algum tipo de relação comercial, baseada, principalmente, no intercâmbio de objetos preciosos (15).

De uma forma mais teorizante, o autor retoma praticamente todas as questões esboçadas nos vários capítulos, procurando tirar ilações mais gerais, Clarificando, por vezes, seu raciocínio mas, ao mesmo tempo, criando certos *imbroglios* teóricos, que são no fundo, indispensáveis à compreensão do seu texto e de suas posturas metodológicas.

Para ele um sistema mundial é um sistema social, um sistema que possui limites, estruturas, grupos, membros, regras de legitimação e coerência. Tem as características de um organismo, na medida em que possui um tempo de vida, no qual suas características mudam em alguns aspectos e permanecem estáveis em outros (16). Os únicos sistemas reais são as economias relativamente autônomas, de subsistência e os sistemas mundiais. Desta última categoria somente existiram até agora duas variedades de sistemas-mundo. Impérios-mundo, nos quais existe um único sistema político sobre a maior parte da área, por mais atenuado que possa ser seu controle efetivo e, aqueles sistemas nos quais o sistema político único não existe sobre toda ou, virtualmente, toda sua extensão. Antes da época moderna as economias-mundo eram

(14) — *The Modern World-System...*, pp. 296-297.

(15) — *The Modern World-System...*, pp. 301-302.

(16) — *Idem*, p. 347.

altamente instáveis e tendiam a converter-se em Impérios ou a desintegrar-se. A peculiaridade do moderno sistema mundial é a de que uma economia-mundo sobreviveu durante quinhentos anos e ainda não chegou a transformar-se num império-mundo, particularidade esta que é o segredo de sua força. Esta peculiaridade é o aspecto político desta forma de organização econômica, chamada capitalismo. O capitalismo foi capaz de florescer precisamente porque a economia-mundo continha, dentro de seus limites, múltiplos sistemas políticos. O capitalismo, como modo econômico, baseia-se no fato de que os fatores econômicos operam no seio de uma arena maior do que qualquer entidade política possa controlar totalmente. Neste sistema mundial existe uma intensa divisão do trabalho. Esta divisão não é meramente funcional, isto é, ocupacional, mas também geográfica. Quer dizer, a variedade de tarefas econômicas não está distribuída uniformemente no seio do amplo sistema mundial. Tal fenômeno tem explicações ecológicas; mas, em sua maior parte é função da organização social do trabalho que amplia e legitima a capacidade de certos grupos dentro do sistema em explorar o trabalho de outros, quer dizer, de receber uma maior parte do excedente. Nos Estados centrais do sistema, a criação de um forte aparato de Estado, unido a uma cultura nacional, fenômeno freqüentemente chamado de integração, serve como mecanismo para proteger as disparidades surgidas em meio ao sistema mundial e como máscara ideológica justificadora da manutenção de tais disparidades. As economias-mundo estão divididas, pois, em Estados do centro e áreas periféricas. Existem também semiperiferias, que estão entre o centro e a periferia em variadas condições, tais como a complexidade das atividades econômicas, a força do aparato do Estado, a integração cultural. O processo em marcha de uma economia-mundo tende a aumentar as distâncias econômicas e sociais entre suas áreas distintas. Neste caso, regiões particulares do mundo podem mudar seu papel. A arena externa de um século se converte, com freqüência, na periferia ou semiperiferia do século seguinte. Mas também, por outro lado, os Estados do centro podem converter-se em semiperiféricos e os semiperiféricos em periféricos (17).

O texto e as idéias de Wallerstein nele contidos tiveram repercussões imediatas. A noção de economia-mundo já serviu como ponto de partida para teses universitárias premiadas (18), estimulou a busca de ilações que resultaram em desdobramentos interessantes (19), mereceu apreciações

(17) — *The Modern World-System...*, pp. 348 a 350.

(18) — Cf. Appleby, Joyce Oldham. *Economic Thought and Ideology in Seventeenth-Century England*. Princeton, Princeton University, 1978.

(19) — Cf. Thomas, Keith. *New York Review of Books*, 22, April 17, 1975. Sob o título "Patterns of Development of the Modern World-System", *Review*, 1, 2, Fall, 1977, pp. 111-145, o grupo liderado pelo próprio Wallerstein, apresen-

críticas favoráveis (20) e desfavoráveis. Nesse sentido o artigo de Ciro Flammarion Cardoso contém um sintético mas objetivo resumo do conteúdo desta obra, acompanhado de críticas cerradas à idéia mais geral que perpassa o texto, ou seja, a idéia de uma economia-mundo capitalista — como modo de produção dominante —, já no século XI (21), opinião esta que compartilhamos, pois o que se verificou então foi a emergência e desenvolvimento do capital mercantil que somente se consolidaria em termos de capitalismo pleno no contexto da Revolução Industrial do século XVIII, na Inglaterra.

Não obstante, se no limite, a teorização global de Wallerstein se revela uma sofisticação mais apurada da teoria de centro e periferia, já presente na obra de Gunder Frank, suas análises particulares, muito especialmente o quinto capítulo, demonstram uma argúcia ímpar e notável capacidade de argumentação em meio a teses discordantes e das quais exibe um domínio singular. Questões controvertidas, como por exemplo, a relação no Estado Absolutista, a origem e o papel da *gentry* no contexto da Revolução Inglesa ficam redimensionadas e enriquecidas pela análise de Wallerstein. Nestes termos, mesmo negando-se alguns dos pressupostos mais gerais, o texto torna-se fundamental pelas abordagens verticais em temas cruciais da época moderna.

Sua análise é marcada por um profundo estruturalismo. As peças que compõem o conjunto têm funções específicas. O sistema tende, naturalmente, ao equilíbrio e as injunções históricas engendram novas rearticulações, numa espécie de todo orgânico. A semiperiferia, por exemplo, atua sempre como um amortecedor, para as possíveis pressões da periferia em direção ao centro do sistema. Por isso mesmo, seu *constructo* não revela a noção de transição, tão cara aos pensadores marxistas. Para ele, até mesmo os resquícios do feudalismo presentes na época moderna são descartados como feudais por se inserirem numa nova dinâmica de produção para o mercado que lhes confere contornos de novos fenômenos. Assim, o trabalho compulsório é entendido nos quadros de uma *novel* racionalidade.

tuou uma sistematização e operacionalização dos conceitos envolvidos na temática do moderno sistema mundial, tangendo a uma construção sistêmica, um verdadeiro 'modelo', aplicável à compreensão do mundo moderno.

(20) — Cf. Mintz, Sidney W. — "The so-called world system: Local Initiative and Local Response". In *Dialectical Anthropology*, Amsterdam, 2: 253-270, 1977.

(21) — Cardoso, Ciro Flammarion — "As concepções acerca do 'Sistema Econômico Mundial' e do 'Antigo Sistema Colonial': A Preocupação obsessiva com a 'extração de excedente' ", In: *Modos de Produção e Realidade Brasileira*, org. por José Roberto do Amaral Lapa. Petrópolis, Editora Vozes, pp. 122 a 125, especialmente.

Sua teorização de classe, dita de fundamentação marxista, é extremamente confusa. Entende que os conflitos são permanentes e sempre bipolares, o que representa, em última instância, uma projeção do esquema de relações de classe do capitalismo concorrencial para a época moderna. Superdimensiona a consciência das classes, transformando a burguesia em sujeito e a história modelada a partir de sua consciência. É a consciência de classe da burguesia que provoca o surgimento da consciência do proletariado. É a consciência que define a classe e os conflitos resultantes do enfraquecimento de visões opostas, se são entendidos quando projetos diversos, não aparecem, pelo menos nesta obra, como portadores de amplitudes diferentes. Isto é, a perspectiva burguesa se poderia ser consciência, enquanto seu projeto social não havia se efetivado, transforma-se em ideologia quando a consciência proletária se lhe opõe. Por não diferenciar a ideologia da consciência, Wallerstein tende para uma concepção de equivalência no que diz respeito aos projetos das classes sociais.

As vacilações teóricas reparam a cada momento. A caracterização do Estado Absolutista reflete as incertezas da burguesia, evidenciando um profundo idealismo. Em outros passos, o Estado é dotado de um elevado grau de autonomia em relação às classes, através da mediação do aparelho burocrático, tangendo a uma visão *poulantziana* do processo político da época moderna.

Em suma, do ponto de vista teórico, um verdadeiro *mélange* que parte da história globalizante do grupo dos *Annales*, integra o funcionalismo, o idealismo e se apegua a formulações marxistas. Complexo este já presente nas epígrafes de Marc Bloch, Fernand Braudel e Karl Marx, que abrem o primeiro capítulo. Tais incongruências, contudo, não impediram Immanuel Wallerstein de produzir um dos livros mais estimulantes já escritos sobre a época moderna. Texto obrigatório nas estantes dos estudiosos do período e que se revela na frase instigante de encerramento deste volume: “A marca do mundo moderno é a imaginação de seus benefícios e sua refutação pelos oprimidos. A exploração e a negativa em aceitar a exploração como inevitáveis, ou justas, constitui a perene antinomia da era moderna, unidas em uma dialética, que está longe de alcançar sua culminância no século XX”.